

# Os psicanalistas, a psicanálise e a filosofia

Luiz Alfredo Garcia-Roza

Por que os psicanalistas desejam tanto estudar filosofia,  
ou teoria freudiana, com um filósofo? E que lugar  
ocupariam estes estudos em sua formação?

**E**ste artigo é quase a transcrição de uma conversa-entrevista com Renato Mezan e Maria Stella Sampaio Leite sobre minha experiência como professor de filosofia e de teoria psicanalítica em grupos de estudo com analistas. O objetivo da conversa-entrevista era colher impressões sobre essa experiência e ao mesmo tempo tentar responder a perguntas tais como: por e que os psicanalistas procuram esse tipo de experiência? Que papel isto pode desempenhar em sua formação? Não seria essa procura a expressão de um fascínio pelo imaginário filosófico? No caso da procura ser pela teoria psicanalítica, o que

a justifica por parte de um analista?

Não pretendo fornecer aqui uma análise detalhada e aprofundada do tipo de transmissão feita nesses grupos, nem tampouco discutir a questão da formação do analista, mas pura e simplesmente traçar uma visão impressionista dessa forma de ensino.

Luiz Alfredo Garcia-Roza é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e professor titular do Instituto de Psicologia na mesma Universidade. É autor, entre outros livros, de *Acaso e Repetição em Psicanálise*, *O Mal Radical em Freud* e *Introdução à Metapsicologia Freudiana* (3 volumes), todos publicados pela Jorge Zahar Editores.

Primeiramente, é importante assinalar que os grupos não são compostos exclusivamente por psicanalistas, embora eles sejam sempre maioria, é comum eles se misturarem a físicos, biólogos, filósofos, psicólogos etc. Essa mistura é de extrema importância, já que físicos, biólogos, filósofos e psicanalistas, geralmente levantam questões a partir dos campos de saber que lhes são próprios, o que confere um balanço especial ao grupo, diferentemente se fosse composto apenas por um tipo de profissional ou estudioso.

Um outro aspecto importante, é que há dois tipos de grupos. Há o grupo misto, como o descrito

para ambos os casos e que mesmo considerando cada tipo de grupo em separado, a resposta é complexa. Contudo, há alguns motivadores básicos que posso tentar resenhar.

A razão aduzida pelos próprios analistas para a procura por grupos de estudo de teoria psicanalítica é a da precariedade do ensino da psicanálise nas sociedades psicanalíticas. Precariedade do ensino e não da formação, acentuam eles, distinguindo claramente o que se refere à sua formação clínica, à supervisão com os analistas da instituição, e o que diz respeito ao ensino e análise crítica de uma teoria. Um outro motivo alegado, é o caráter dogmático que acaba assumindo a transmissão

instituição de formação. O analista reflete a instituição e vice-versa. E ao se colocarem numa relação de espelhamento, surge a necessidade de um terceiro que quebre essa especularidade. Esta seria a minha função. Nos grupos de estudo, não há qualquer exigência doutrinária, qualquer necessidade de obediência a determinada escola e, pela sua própria natureza mista, qualquer necessidade de uma voz uníssona.

Não sei até que ponto esta inteligibilidade é inteiramente sustentável, mas me parece que responde, pelo menos em parte, aos motivos apresentados por eles para essa procura externa às suas instituições. Isto, no que se refere à procura pela teoria psicanalítica.

Outra coisa é a procura pela filosofia. O que leva um psicanalista a se empenhar, durante dois, três anos ou mais, no estudo da filosofia? Creio que a razão dessa procura não pode ser inteiramente desvinculada dos motivos apresentados acima. Há, por parte do psicanalista, uma crença de que a filosofia é capaz de lhe fornecer uma espécie de cunha crítica capaz de quebrar a especularidade de que falei. Ela o forçaria a voltar o discurso psicanalítico sobre si próprio, obrigando-o a pensar seus fundamentos teóricos e os fundamentos e limites da própria prática clínica, coisa que nem sempre é feita no interior das instituições psicanalíticas. Além disto, há o fascínio que a filosofia exerce enquanto um saber milenar marcado pela exigência de racionalidade e de consciência crítica, que atrai tanto analistas como não-analistas.

Mas o que na filosofia se prestaria a isto? Ou ainda, qual filosofia atenderia a essa tarefa?

Geralmente quando um grupo desses é montado, ele o é a partir de uma demanda não muito específica. As pessoas querem estudar filosofia, sem que este desejo seja acompanhado de uma consciência clara do que isto significa, do conteúdo da filosofia e do grau de

Independentemente da qualidade do ensino ou da transmissão, os analistas tendem a manter uma relação especular-dual com a instituição de formação.

acima, que se propõe estudar filosofia; e há o grupo composto quase que exclusivamente de psicanalistas e cujo objetivo é estudar teoria psicanalítica. De qualquer maneira, em ambos, a dominância é de analistas.

Por que essa procura, por parte dos analistas? Quando se trata de uma busca do saber filosófico, ela é compreensível, posto que se trata de algo que em geral lhes é estranho, mas o que justifica a procura pela teoria psicanalítica? Eles já não passaram por um processo de formação que incluí a transmissão desse saber?

Claro está que já me fiz estas perguntas antes, e o que posso dizer é que não há uma resposta única

da psicanálise nessas instituições. O fato da transmissão estar ligada à orientação de uma escola ou à jurisdição de algum analista, acaba transformando a formação numa espécie de aquisição de um código intelectual que chega a conferir à prática profissional um caráter esotérico, semi-religioso, formado frequentemente por pequenas seitas (que não raro se odeiam), o que acaba abolindo toda e qualquer consciência crítica.

A partir destes motivos, poderíamos tentar a nossa resposta. Creio que independentemente da qualidade do ensino ou da transmissão, os analistas tendem a manter uma relação especular dual com a

abarcamento do seu campo. Dizem apenas: "Queremos estudar filosofia". E quando pergunto "Qual filosofia?" ou "Qual parte da filosofia?" ou ainda "Qual filósofo?", a resposta geralmente é: "Queremos estudar história da filosofia, queremos fazer o percurso desde a pré-socrática até Hegel, e se possível mais, de tal modo que a partir daí possamos fazer nossas escolhas e assumir uma posição em relação à própria filosofia". A resposta não me é dada com esta clareza, mas é como eu formularia a natureza da demanda. Em geral, as pessoas têm uma idéia de que a filosofia começa na Grécia, com Platão e Aristóteles, e sabem que filósofos como Descartes, Spinoza, Leibniz, Kant ou Hegel são balizadores importantes desse percurso. E quando sabem isto, já é muito.

Alguns, chegam já com algum conhecimento sobre um filósofo ou uma corrente filosófica e querem conhecer os outros filósofos. Os mais aflitos, porém, são aqueles que chegam com uma visão da psicanálise, elaborada a partir de uma determinada perspectiva filosófica, que ameaça a sua prática. Sentem-se profundamente atingidos por afirmações do tipo: "A psicanálise é uma forma de platonismo", "A psicanálise é uma filosofia da representação", o que geralmente é acompanhado da denúncia mortífera: "A psicanálise é o derradeiro supiro da metafísica". E o psicanalista sente-se ameaçado e sem defesa. O primeiro pensamento que lhe vem à cabeça é: "Como? Estou às voltas com um pensamento terminal? A psicanálise não passa de um sintoma da metástase da metafísica?", e perguntas deste tipo, para as quais ele não tem resposta ou mesmo sequer entende claramente o sentido. O que significa dizer, por exemplo, que a psicanálise é um pensamento da representação? E ela de fato o é? Sem dúvida a representação (*Vorstellung*) é um conceito central na psicanálise, mas o ter-

mo "representação" em psicanálise designa a mesma coisa que na filosofia clássica? Trata-se do mesmo conceito?

O fato é que a psicanálise é alvo da crítica dos filósofos da identidade e dos filósofos da diferença, dos hegelianos e dos nietzscheanos, dos deleuzeanos, foucaultianos, wittgensteinianos, jovens spinozistas e velhos positivistas, ficando o psicanalista absolutamente perplexo, sentindo-se um caso terminal do saber ocidental. O que ele deseja, antes de tudo, é entender o que significa

soal, na supervisão de casos, na leitura dos casos clínicos, na chamada "técnica" clínica, em contraposição à pouca dedicação ao estudo da teoria, considerada como um complemento que pode ser dispensado, em nome da "intuição".

Devo fazer uma ressalva aqui quanto aos lacanianos. Em geral eles são marcados por uma certa exuberância teórica, e isto não às expensas da clínica, mas por entenderem que não há prática clínica psicanalítica sem a posse da teoria. Podemos mesmo constatar que o interesse crescente pelo estudo teó-

**O**s mais aflitos são os que chegam com uma visão da psicanálise impregnada de perspectivas filosóficas ameaçadoras para a sua prática.

tudo isto, e o único modo que lhe parece viável é passar a frequentar durante algum tempo este vasto território, para ele desconhecido.

Aqueles que me procuram para estudar teoria psicanalítica não são imunes a essas questões, e tampouco já dispõem das respostas; apenas seu objetivo imediato é outro: querem estudar *teoria psicanalítica*. Argumentam que as instituições psicanalíticas estão inteiramente voltadas para a prática clínica - o que é justificável - mas que em nome da clínica desvalorizam a teoria. Na opinião deles, a teoria é vista pela instituição como um acréscimo à clínica, um apêndice que pode até mesmo ser considerado importante, mas não imprescindível. Um bom clínico é feito de intuição, não de teoria. Esta parece ser a máxima dominante nas instituições de formação. Daí a ênfase na análise pes-

rico é resultado de uma espécie de pressão exercida pelos primeiros grupos lacanianos. Ou os não-lacanianos estudavam teoria psicanalítica ou ficavam à mercê do poder de argumentação teórica dos lacanianos. Aos poucos, os não-lacanianos foram se dando conta de que uma prática clínica sem o suporte da teoria, corre o risco de ficar reduzida a um empirismo cego. Devemos, aqui, conceder o crédito devido a Jacques Lacan. Lamentavelmente, grande parte dos lacanianos transformaram essa exigência de rigor teórico numa espécie de código privado ou dialeto psicanalítico acessível apenas aos iniciados.

Isto não quer dizer que o simples fato de alguém pertencer a uma instituição lacaniana esteja em condições de responder, com algum rigor, às questões teóricas colocadas pela psicanálise. Ser laciano

não é possuir um salvo conduto teórico. Há grupos lacanianos que repetem cegamente algumas matemáticas de Lacan sem nunca terem se dado ao trabalho sequer de ler Freud. Mas é indiscutível que encontramos um maior índice de rigor teórico entre lacanianos do que entre não-lacanianos.

No entanto, dentre os que me procuram, há psicanalistas e não-psicanalistas, assim como dentre os primeiros, há tanto não-lacanianos como lacanianos. Estes últimos, provavelmente procurando fugir ao

que tomo junto aos meus grupos de teoria psicanalítica: a de empreendermos o percurso da metapsicologia freudiana, entendendo-se por "metapsicologia" o trabalho de construção conceitual da teoria psicanalítica por Freud.

Uma questão que surgiu, na conversa que deu origem a este artigo, foi a de como a filosofia propiciaria esse distanciamento. Seria pela própria distância histórica entre o mundo dos gregos e o nosso? Creio que a resposta está no próprio modo da filosofia se

pode abrir um campo de pensabilidade até então desconhecido para aqueles que se mantinham fechados no campo da psicanálise. Ou ainda, a partir da leitura dos sofistas, com sua resistência ao conceito e com sua recusa da verticalidade platônica, não seria possível pensar Lacan como um novo sofista? E o que dizer de Santo Agostinho com sua magistral discussão sobre a função significante da palavra, tão bem explorado pelo próprio Lacan? E Hume explodindo a metafísica clássica e abrindo caminho para um Kant?

Mas se a filosofia faz exigências à psicanálise, a recíproca não é menos verdadeira. Mais do que nunca, a filosofia se viu tocada em seu âmago por questões que são essencialmente psicanalíticas. A teoria do inconsciente, a articulação do desejo com a cadeia significante, a teoria das pulsões, para citar apenas alguns pontos, obrigaram a filosofia a repensar seus próprios limites assim como a repensar o valor supremo concedido à razão em detrimento do desejo (isto pelo menos para uma parte da filosofia) ou ainda a idéia de uma verdade total. O importante é vermos a relação da psicanálise com a filosofia não como uma relação dissimétrica, no sentido da filosofia pretender ditar as regras para a psicanálise, mas um confronto entre iguais.

Enfim, o distanciamento produzido pela filosofia não afasta o psicanalista da psicanálise, ao contrário, é a distância que se toma quando se quer dar um grande salto, e este salto é no sentido de um mergulho maior nas questões da própria psicanálise. Jamais vi um psicanalista arrependido pelo tempo investido na filosofia, ou aborrecido por ter concluído que tudo não passa de especulação vazia.

Não é sem dificuldade que o psicanalista se defronta pela primeira vez com a filosofia, mas não creio que essa dificuldade seja peculiar a ele, qualquer um que se inicie na

**S**e a filosofia faz exigências à psicanálise, a recíproca não é menos verdadeira: ela se vê tocada em seu âmago por questões essencialmente psicanalíticas.

espelhamento a que me referi anteriormente. Mesmo porque, meus grupos são voltados especificamente para o estudo dos textos freudianos, a referência central é Freud e não Lacan, e frequentemente os lacanianos são ainda mais carentes da literatura freudiana do que os não-lacanianos.

Seja qual for a escola ou instituição a que pertençam, os psicanalistas que me procuram o fazem no sentido deliberado de procederem a uma *epoché* da clínica, isto é, a realizarem uma suspensão provisória das questões clínicas para, a partir deste distanciamento, voltarem-se para as questões essencialmente teóricas. Esta foi, aliás, a atitude que Freud tomou quando decidiu construir sua metapsicologia, e é precisamente esta a decisão

colocar frente aos problemas que se lhe apresentam. Ela se afirma como um pensamento crítico que se coloca frente aos saberes existentes com uma forte exigência crítica. No caso da psicanálise, a filosofia obriga a que ela pense seus fundamentos, a natureza do seu campo próprio, o rigor da articulação dos seus conceitos, a validade dos seus princípios e dos seus conceitos fundamentais. Só para dar um exemplo, penso aqui na crítica de Deleuze ao conceito freudiano de pulsão de morte e sua proposta de um *instinto de morte*, algo situado para além da pulsão de morte e entendido como um princípio transcendental. Penso ainda no estatuto da negatividade em Freud e em como a discussão sobre a negatividade em Spinoza e em Hegel, por exemplo,

filosofia se depara com um universo de questões que não faz parte do senso comum e que tampouco habita o cotidiano da *doxa*. Mesmo quando começamos do começo, isto é, com os pré-socráticos, e vamos caminhando devagar até chegarmos aos textos de Platão e de Aristóteles para daí empreendemos a grande caminhada até Hegel, é com dificuldade que os conceitos vão sendo apreendidos e que o psicanalista se apropria da problemática filosófica. Não é também de imediato que se dão conta de que esses conceitos não são pura abstração, pelo menos, os verdadeiros conceitos, mas que dizem respeito a problemas reais, problemas estes frequentemente ocultados pela *ortodoxa*, pelo saber comum, pré-crítico.

É ainda com alguma surpresa que se dão conta, também, do quanto a filosofia, no seu nascedouro, estava já profundamente implicada na problemática ética e política, e Platão é, a este respeito, exemplar. Esta é uma das surpresas, uma das primeiras, a de que os conceitos fundamentais da filosofia dizem respeito a problemas reais, concretos, ao invés de se esgotarem numa pura abstração especulativa.

É raro acontecer dos psicanalistas tentarem uma psicologização dos conceitos filosóficos, o que seria uma forma de trazerem esses conceitos para um modo de pensar que lhes é mais familiar. O que os persegue, em todo esse percurso, é a questão de como a psicanálise se coloca frente aos problemas levantados pela filosofia.

Nesses grupos, que como já disse são mistos, as dificuldades maiores não são dos analistas, mas daqueles que pertencem às chamadas "ciências duras". No início, reagem "duramente" ao pensamento filosófico, sobretudo aqueles que chegam imbuídos de uma mentalidade experimentalista muito forte. Mas quando rompem essa capa protetora, são os mais apaixonados. Se são físicos, querem largar a física e

se lançar à procura do Himalaia filosófico, o que me preocupa quando são muito jovens. Com os psicanalistas, a dificuldade maior diz respeito a esse afastamento deliberado da clínica, daquilo que constitui seu dia-a-dia, para deixarem-se levar pelas questões eminentemente teóricas, mesmo sabendo que estas questões não desqualificam a prática clínica.

Para os psicanalistas, um problema real só pode ser fornecido diretamente pela experiência clínica. O que é verdade, mas apenas

teoria de tal modo que uma impõe reformulações à outra. Mas neste caso, não se trata mais de uma prática empírica vaga e sim de uma prática empírica informada ou mesmo constituída pela teoria.

Vimos que há uma demanda, por parte dos analistas, tanto pela filosofia quanto por Freud. A pergunta imediata é: porque Freud e não Melanie Klein, Winnicott ou Bion? Creio que a demanda por Freud é a demanda pelo fundador, pelo criador, por aquele que criou a teoria psicanalítica. Não se trata de

**O**s conceitos não foram colhidos por Freud no jardim da clínica, mas inventados para dar conta de algo que, no nível da clínica, não era sequer formulável.

em parte. Há uma crença de que a clínica ou qualquer outra experiência é capaz de fornecer o conceito ou o problema já prontos, basta saber colhê-los. É a crença no "dado". É difícil persuadir um analista com essa crença no dado, que conceitos tais como inconsciente, pulsão, recalçamento, etc., não são "dados", não foram pura e simplesmente colhidos por Freud no jardim da clínica, mas sim produzidos, criados, inventados por ele para dar conta de algo que, na clínica, não era sequer formulável. Não é a clínica que faz com que um conceito seja um conceito psicanalítico, mas ao contrário, é o conjunto dos conceitos produzidos por Freud que faz com que a clínica seja psicanalítica. Claro está que a partir do momento em que a prática clínica adquire sua especificidade psicanalítica, passa a haver uma relação entre clínica e

exclusivismo nem de retorno nostálgico. É a consciência de que Freud é de fato o fundador da psicanálise e de que ele está aí, mais vivo do que nunca, sustentando esta prática.

Já ouvi, por parte de analistas, declarações do tipo: "Freud está ultrapassado, para que estudá-lo?" Felizmente declarações como esta são cada vez mais raras. O que significa dizer que Freud está ultrapassado? Quer dizer que sua teoria envelheceu? Que não responde mais pela prática clínica? Que os conceitos de inconsciente, pulsão, recalçamento, transferência etc. não valem mais nada? Que a teoria psicanalítica, tal como foi por ele construída, foi substituída por outra?

Não se ultrapassa Freud. Como tampouco se ultrapassa Platão, Descartes, Kant ou Hegel. Se Freud está ultrapassado, o que dizer de Platão

ou de Aristóteles, cujas obras têm mais de dois milênios? Hoje, dois mil e quinhentos anos depois, publicam-se mais obras sobre Platão e Aristóteles do que sobre Melanie Klein, Bion e Winnicott juntos. E isto não representa nenhum demérito para os três últimos, apenas atesta o quanto os verdadeiros fundadores não são ultrapassados. Assim como voltamos a Platão, como quem volta aos fundamentos do projeto filosófico, voltamos a Freud à procura dos fundamentos da psicanálise. Nisto consistiu grande par-

cos ocupariam lugares distintos e opostos na psicanálise; algo que poderia expresso pela frase: "Um bom teórico não pode ser um bom clínico e um bom clínico deve encarar a teoria com reservas ou mesmo evitá-la. Um clínico é feito de intuição, sensibilidade e empatia, e não de teoria." Essa crença teria seu correlato na literatura com a afirmação de que um bom crítico literário e profundo conhecedor da teoria literária não é necessariamente um bom escritor. Ou mesmo, que este conhecimento aprofundado pode

que acompanha frequentemente os psicanalistas que me procuram para estudar filosofia ou teoria psicanalítica. E se levarmos em conta que estes seminários, dependendo da proposta, podem durar de dois a quatro anos, o psicanalista pode considerar que é um tempo suficientemente grande para que se processe uma espécie de lavagem cerebral, ou melhor, uma espécie de entupimento cerebral capaz de incapacitá-lo para a clínica.

O retorno que tenho por parte daqueles que participaram desses seminários - e já se vão quase trinta anos de experiência - aponta exatamente para o contrário. O conhecimento da teoria psicanalítica ou da filosofia, ou ainda das duas juntas, longe de significar uma perda da capacidade clínica, potencializa-a. Não há perda, essas coisas não são exclusivas. O que ocorre é que tanto a filosofia e a teoria psicanalítica, de um lado, como a prática clínica, do outro, são acrescidas por uma espécie de reforço da imaginação, imaginação que tem que estar presente tanto na teoria como na prática, se estas se pretendem criadoras.

Creio que esse reforço da imaginação foi o que pretendeu Freud quando no auge de seus impasses teórico-clínicos, recorreu à *bruxa*. O que ele pretendia, no momento mais intenso de sua produção teórica, com esse recurso à bruxa metapsicologia? O que ele estava dizendo com isto? Que não dava para permanecer num nível puramente empírico (clínico), assim com não dava para ficar numa pura formalização vazia dos conceitos. Recorrer ao caldeirão da bruxa, é admitir o recurso ao imaginário. Não se trata, evidentemente, de se entregar a um imaginário delirante, mas de juntar essa potência criadora do imaginário ao pensamento crítico. No caso de Freud, resultou daí a psicanálise. Seus seguidores não têm o que temer.

## Até que ponto a fragmentação da filosofia, ou o estudo aprofundado da teoria psicanalítica, podem significar uma perda da chamada "intuição clínica"?

te do gênio de Lacan: o retorno a Freud.

Freud foi ultrapassado. É, mas continua olhando pelo espelho retrovisor aqueles que declaram isto.

Finalmente, aquela questão que me parece ser a mais ameaçadora para o psicanalista: Até que ponto a frequentação da filosofia, o desenvolvimento da consciência crítica, o estudo aprofundado da teoria psicanalítica, podem significar uma perda da chamada intuição clínica? Até que ponto a volta para a teoria pode prejudicar a prática clínica, ao invés de beneficiá-la?

Há uma crença difundida entre os analistas de que o conhecimento aprofundado da teoria funciona no sentido de diminuir ou mesmo eliminar a sensibilidade clínica. Segundo essa crença, teóricos e clíni-

funcionar como exigência superegoica, inibindo a capacidade criadora. Fantasia análoga persegue o artista que procura análise. Ele tem a impressão de que se for curado de sua neurose, secará sua fonte de criatividade.

Não pretendo discutir a questão da criação literária, embora não concorde com a tese acima. No que se refere à psicanálise, creio que a melhor resposta é o próprio Freud. Não me parece que sua capacidade clínica tenha sofrido qualquer diminuição em função do enorme trabalho de construção teórica por ele empreendido, como tampouco esse trabalho teórico foi inibido, bloqueado ou impedido por seja lá o que for que se designe por "intuição clínica".

Embora sem qualquer fundamento razoável, esse é um temor